



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

EXAME CITOPATOLÓGICO DO COLO DO ÚTERO: O CONHECIMENTO E A PRÁTICA DE MULHERES IDOSAS

*¹Romane Cristine de Sousa Rodrigues, ¹Kethleen Susan Pires Alencar, ¹Bruno Honório da Silva, ²Angelina Monteiro Furtado, ³Liana Osório Fernandes and ⁴Jardeliny Corrêa da Penha

¹Enfermeiro, Graduado pela Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

²Enfermeira. Professora Mestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

⁴Enfermeira. Hospital Regional Tibério Nunes. Floriano, Piauí, Brasil

⁵Enfermeira. Professora Doutorado Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 28th November, 2019

Received in revised form

06th December, 2019

Accepted 17th January, 2020

Published online 27th February, 2020

Key Words:

Saúde da Mulher; Saúde do Idoso;
Teste de Papanicolaou;
Enfermagem em Saúde Pública.

*Corresponding author:

Romane Cristine de Sousa Rodrigues,

ABSTRACT

Objetivo: avaliar o conhecimento e prática de idosas do município de Floriano-PI, sobre o exame citopatológico do colo do útero. **Materiais e Métodos:** É um estudo descrito-exploratório e transversal, quantitativo, realizado com 39 idosas atendidas em uma Unidade Básica de Saúde do referido município. Para coleta de dados, utilizou-se um formulário que contemplava dados socioeconômicos, características sexuais e relacionadas ao conhecimento e à prática sobre o exame citopatológico do colo do útero. **Resultados:** Observou-se que majoritariamente, tanto o conhecimento e a prática das idosas acerca do exame supracitado foram inadequados, 36 (92,3%) e 35 (89,7%), respectivamente. Apenas ter infecção sexualmente transmissível obteve relação estatisticamente significativa com o conhecimento sobre o exame ($p=0,000$). **Conclusão:** Tendo em vista que o conhecimento inadequado contribui para a adoção de práticas inadequadas, verifica-se a importância da implementação de atividades educativas relativas à prevenção e detecção precoce do câncer do colo do útero não só para mulheres adultas jovens, mas também idosas.

Copyright © 2020, Romane Cristine de Sousa Rodrigues et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Romane Cristine de Sousa Rodrigues, Kethleen Susan Pires Alencar, Bruno Honório da Silva et al., 2020. "Exame citopatológico do colo do útero: o conhecimento e a prática de mulheres idosas", *International Journal of Development Research*, 10, (02), 33878-33883.

INTRODUCTION

A população idosa brasileira vem crescendo gradativamente, especialmente a feminina. Este rápido processo de transição demográfica tem ocasionado o aumento de doenças crônicas não transmissíveis (DNTs), bem como a ocorrência de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) nessa população (Balbi, 2015). Pesquisa realizada no município de Botucatu-SP, com 382 idosos, que identificou a prevalência e fatores associados às IST em idosos, revelou que um dos fatores associados a essas infecções era ser do sexo feminino ($p=0,015$) (Andrade et al, 2017). Nessa fase da vida, as mulheres vivenciam alterações fisiológicas, como o afinamento e ressecamento da parede vaginal, as quais aumentam a probabilidade de contrair as IST, entre elas a infecção pelo *Papiloma Virus Humano* (HPV), principal fator de risco para o câncer do colo do útero (CCU). O CCU representa um grande problema de saúde pública, pois possui elevada mortalidade

em todo o mundo. Segundo a *World Health Organization* (WHO), Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que em 2020 a expectativa será de 662.110 novos casos e 356.251 números de óbitos por essa causa (WHO, 2012). No Brasil, de acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA), o número de casos novos de câncer do colo do útero esperados para o Brasil, para cada ano do triênio 2020-2022, será de 16.590, com um risco estimado de 15,43 casos a cada 100 mil mulheres; sendo mais frequentes nas Regiões Norte e Nordeste brasileiras (INCA, 2019). Entre as estratégias para o rastreamento do CCU, cita-se o exame citopatológico do colo do útero, que se baseia na história natural da doença e na detecção de lesões, impedindo a progressão para o câncer. O Ministério da Saúde brasileiro preconiza que o intervalo entre os exames seja de três anos, após dois exames negativos com intervalo anual (Brasil, 2013a). O exame citado deve ser realizado em mulheres com idade entre 25 e 64 anos (Brasil, 2013a).

Mas, apesar desta última ser a idade máxima recomendada, é de extrema importância ressaltar que mulheres com mais idade realizem o exame, visto que algumas idosas podem ter um perfil de risco para a doença (Olhêet al, 2013). Além disso, estima-se que a incidência do CCU para mulheres com idade igual ou superior a 65 anos será de 135.413, em 2020, com uma mortalidade de 120.391 (WHO, 2012). Assim, é fundamental investigar o conhecimento e a adesão das idosas ao exame citopatológico do colo do útero. Desse modo, em Fortaleza, Ceará, estudo do tipo transversal, associado ao inquérito Conhecimento, Atitude e Prática, que contou com a participação de 775 mulheres de 13 a 78 anos de idade, revelou que o conhecimento inadequado sobre o exame citopatológico do colo do útero teve altas taxas em todas as faixas etárias, sendo de 75,0% entre as idosas; entretanto, apenas 28,7% das mulheres com mais de 60 anos de idade possuía prática inadequada (Silveiraet al, 2016). Já em Picos, Piauí, a maioria das idosas entrevistadas apresentou conhecimento e prática inadequados sobre o exame citopatológico do colo do útero, respectivamente, 72 (65,5%) e 44 (40,0%) (Feitosaet al, 2017). Considerando as informações expostas, o presente estudo objetivou avaliar o conhecimento e a prática de idosas sobre o exame citopatológico do colo do útero, bem como correlacionar o conhecimento e a prática (in) adequado com o perfil socioeconômico e sexual das entrevistadas. Portanto, espera-se que a presente pesquisa possa reforçar as ações de promoção da saúde e prevenção do CCU voltadas para as idosas, uma vez que a determinação do grau de conhecimento e prática da população é crucial para a seleção de estratégias mais adequadas, bem como para o planejamento de intervenções efetivas, de maneira a permitir o controle e rastreamento da doença.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório e transversal, de abordagem quantitativa, realizado com 39 mulheres com idade igual ou superior a 60 anos, cadastradas e atendidas em uma unidade básica de saúde (UBS) do município de Floriano, Piauí, Brasil. Foram excluídas do estudo as idosas que tivessem alguma incapacidade cognitiva, referida pela equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF), que as impedissem de compreender os questionamentos. Os dados foram coletados no período de março a maio de 2017. A coleta ocorreu na própria UBS, em situações em que as idosas compareciam à mesma para qualquer tipo de atendimento. Os objetivos dos estudos foram apresentados a elas e aquelas que aceitaram participar foram encaminhadas individualmente para uma sala reservada, em que foi solicitada pelos pesquisadores a assinatura, em duas vias, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ou a impressão digital do polegar direito. Para a coleta de dados, utilizou-se um formulário, que continha duas partes: a primeira compreendia questões sobre as variáveis socioeconômicas e sexuais das idosas; e a segunda investigava o conhecimento e a prática das idosas acerca do citopatológico do colo do útero. Esta última foi adaptada de Inquéritos Conhecimento, Atitude e Prática sobre o referido exame (Brennaet al, 2001; Neriet al, 2013; Rosa, 2016; Vasconcelos, 2008).

É válido ressaltar que o conhecimento e a prática foram classificados pelos pesquisadores em adequado ou inadequado, conforme as especificações da figura (figura 1) a seguir. Os dados foram digitados e analisados, por meio de análise descritiva, no programa estatístico IBM SPSS, versão 20.0,

sendo apresentados por meios de frequências absolutas e relativas. Em variáveis numéricas, como idade (em anos), escolaridade (em anos) e renda (em reais), utilizou-se o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnov. E para associação estatística das variáveis nominais, utilizou-se o teste Qui-quadrado, adotando-se um valor de p menor que 0,05, com intervalo de confiança de 95,0%. A fim de respeitar os preceitos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos e as Resoluções 466/2012 e 510/2016 (Brasil, 2013b; 2016), o presente estudo foi submetido, por meio da Plataforma Brasil, e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa do Campus Amílcar Ferreira Sobral, da Universidade Federal do Piauí (CAFS/UFPI), com parecer nº. 2.100.159.

RESULTADOS

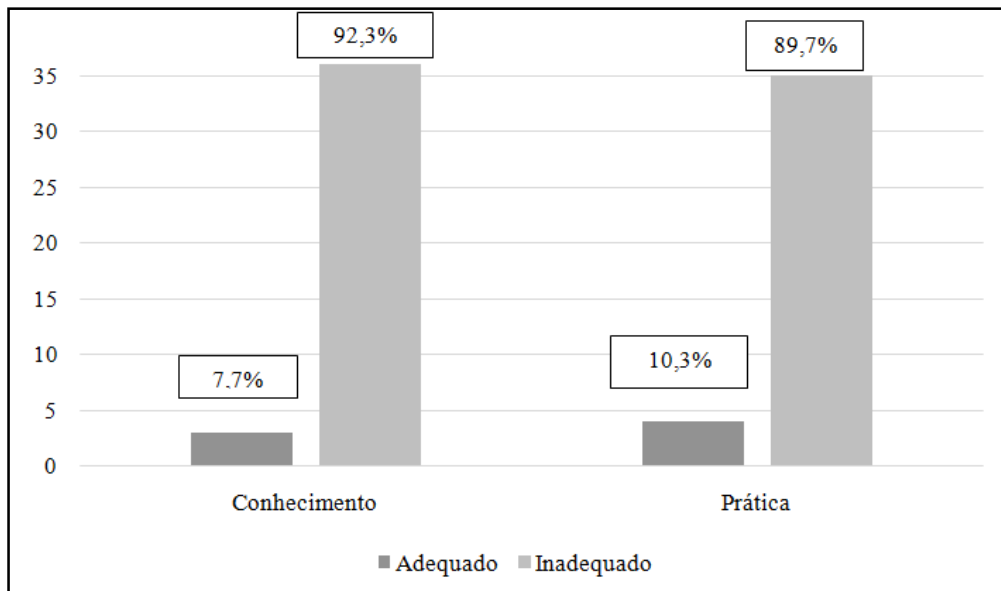
Das 39 idosas entrevistadas, 37 (94,9%) afirmaram ter ouvido falar sobre o exame citopatológico do colo do útero, porém apenas 18 (46,2%) responderam que a finalidade do mesmo é a prevenção do CCU. Ademais, a maioria, 32 (82,0%), mencionou corretamente que tal exame pode ser realizado após os 60 anos de idade, entretanto, 25 (64,1%) não soube responder quais cuidados devem ser tomados antes da realização do mesmo. Acerca da fonte de conhecimento, 14 (35,8%) citaram a televisão como informante sobre o citopatológico, seguido de 13 (28,2%), o médico, e apenas 2 (5,1%), o enfermeiro. A despeito da prática, 27 (69,2%) idosas disseram que realizaram o exame citopatológico do colo do útero após ter completado os 60 anos de idade. Destas, boa parte disse que a última coleta citológica foi em estabelecimento público, 20 (51,3%), e há um ano atrás 18 (46,2%), contado a partir da coleta dos dados. Entretanto, observou-se que a recomendação do Ministério da Saúde, quanto ao intervalo entre os exames, não era respeitada. A partir das informações descritas acima, foi possível classificar o conhecimento e a prática das idosas acerca do exame citopatológico do colo do útero em adequado e inadequado (Figura 2).

É revelado na figura 2 que a maioria das idosas participantes do presente estudo teve conhecimento e prática sobre o exame citopatológico do colo do útero inadequados, respectivamente, 36 (92,3%) e 35 (89,7%). A partir dessa classificação, buscou-se associar as variáveis socioeconômicas com o conhecimento e a prática adequados e inadequados das idosas sobre o referido exame. A caracterização socioeconômica das 39 idosas entrevistadas se deu pela investigação das seguintes variáveis: idade, estado civil, escolaridade e renda. Naquelas e que foi aplicado o teste Kolmogorov-Smirnov, observou-se ocorrência de distribuição normal, sendo, portanto, apresentadas por médias: idade - 71,39 anos de idade; escolaridade - 4,41 anos de estudo; e renda mensal - R\$ 835,41. Destaca-se, como exposto na tabela 1, que 22 (56,4%) idosas tinham menos de 71 anos de idade, 27 (69,2%) não possuíam companheiro, 25 (64,1%) tinham até quatro anos de estudo e 34 (87,1%) recebiam mais de 835,00 reais por mês. Ademais, nenhuma das variáveis socioeconômicas apresentou associação estatisticamente significativa com as variáveis conhecimento e prática. Pesquisou-se também a idade com que as participantes iniciaram a vida sexual, bem como se as mesmas já tiveram IST em algum momento da vida e se, à época da coleta, possuíam vida sexual ativa, como apresentado na Tabela 2. Segundo a tabela 2, 34 (87,2%) idosas afirmaram ter tido a primeira relação após os 15 anos de idade e 38 (97,4%) negaram qualquer tipo de IST.

Figura 1. Classificação do conhecimento e prática das idosas sobre o exame citopatológico do colo do útero

CONHECIMENTO	
Conhecimento adequado	Quando a idosa já ouviu falar sobre o exame e souber relatar que tem como finalidade detectar o CCU. Além disso, ela deverá afirmar que o exame citopatológico do colo do útero pode ser realizado independente da sua idade e saber citar pelo menos dois cuidados (recomendações prévias) que devem ser executados antes do mesmo.
Conhecimento inadequado	Quando a idosa afirmar que já ouviu falar, mas não informar ou não souber a finalidade, que não sabe que após os 60 anos o exame deve ser realizado, e quando não citar dois cuidados.
PRÁTICA	
Prática adequada	Quando a idosa responder que realizou o exame, seguindo a periodicidade recomendada pelo MS.
Prática inadequada	Quando a idosa informar que não realizou o exame e não segue a periodicidade recomendada pelo MS.

Fonte: próprios pesquisadores.



Fonte: dados da pesquisa.

Figura 2. Classificação do conhecimento e da prática das idosas sobre o exame citopatológico do colo do útero. Floriano, Piauí, Brasil, mar.-jun. 2017. (n=39)**Tabela 1. Associação das variáveis socioeconômicas com o conhecimento e a prática adequados e inadequados das idosas sobre o exame citopatológico do colo do útero. Floriano, Piauí, Brasil, mar.-jun. 2017. (n=39)**

Variáveis socioeconômicas	Conhecimento e prática sobre exame citopatológico do colo do útero									
	Conhecimento				p*	Prática				p*
	Adequado		Inadequado			Adequada		Inadequada		
	N	%	N	%		N	%	N	%	
Idade										
Até 71 anos	3	7,7	19	48,7	0,113	1	2,6	21	53,8	0,181
Mais de 71 anos	-	-	17	43,6		3	7,7	14	35,9	
Estado civil										
Casada ou união estável	-	-	12	30,8	0,229	1	2,6	11	28,2	0,792
Sem companheiro	3	7,7	24	61,5		3	7,7	24	61,5	
Escolaridade										
Até 4 anos de estudo	1	2,6	24	61,5	0,248	3	7,7	22	56,4	0,632
Mais de 4 anos de estudo	2	5,1	12	30,8		1	2,6	13	33,3	
Renda mensal										
Até R\$ 835,00	-	-	5	12,8	0,489	1	2,6	4	10,3	0,442
Mais de R\$ 835,00	3	7,7	31	79,5		3	7,7	31	79,5	

*Qui-quadrado de Pearson.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à vida sexual ativa, 35 (89,7%) delas negaram-na. Destaca-se ainda que somente a variável já teve IST teve associação estatisticamente significativa com o conhecimento sobre o exame citopatológico do colo do útero ($p=0,000$).

DISCUSSÃO

Conhecer uma população sobre aspectos que envolvem a prevenção do CCU é fundamental para definir estratégias de intervenções mais eficientes às reais necessidades da comunidade, de modo a contribuir para a redução dos

impactando de maneira positiva na qualidade de vida das mulheres (Santiago *et al*, 2014). Destarte, faz-se primordial saber o que essa população pensa e quais são os comportamentos de saúde praticados para ela. Considerando a afirmação acima, notou-se que a maioria das idosas com idade inferior a 71 anos foi mais prevalente grande parte delas apresentou conhecimento e prática inadequados. Entre aquelas com mais de 71 anos, todas tiveram conhecimento inadequado, mas a prática destas, comparado ao outro grupo, foi inadequada em menor porcentagem. Isto pode estar relacionado ao fato de que, com o envelhecimento, a

Tabela 2. Associação das variáveis sexuais com o conhecimento e a prática adequados e inadequados das idosas sobre o exame citopatológico do colo do útero. Florianópolis, Piauí, Brasil, mar.-jun. 2017. (n=39)

Variáveis sexuais	Conhecimento e prática sobre exame citopatológico do colo do útero									
	Conhecimento				p*	Prática				p*
	Adequado		Inadequado			Adequada		Inadequada		
N	%	N	%	N	%	N	%			
Início da atividade sexual										
Antes dos 15 anos	-	-	2	5,1	0,787	-	-	2	5,1	0,721
Depois dos 15 anos	3	7,7	31	79,5		4	10,3	30	76,9	
Nunca teve	-	-	3	7,7		-	-	3	7,7	
Já teve IST										
Sim	1	2,6	-	-	0,000	-	-	1	2,6	0,423
Não	2	5,1	36	92,3		4	10,3	34	87,2	
Possui vida sexual ativa										
Sim	-	-	4	10,3	0,542	1	2,6	3	7,7	0,305
Não	3	7,7	32	82,0		3	7,7	32	89,7	

*Qui-quadrado de Pearson.

Fonte: Dados da pesquisa.

preocupação com a saúde aumenta, visto que o mesmo pode vir acompanhado de doenças crônicas que precisem de acompanhamento constante, o que aumenta a presença dessas mulheres nos serviços de saúde. Já pesquisa desenvolvida em uma UBS do município de Nosso Senhor do Bonfim, Bahia, revelou que a realização adequada do exame foi mais prevalente entre as mulheres menos idade, 40 a 59 anos de idade - 21 (87,5%) (Santiago *et al*, 2014). Em relação ao estado civil, predominaram as idosas sem companheiros, sendo que, boa parte destas eram viúvas. Do mesmo modo, em investigação realizada em Bebedouro, São Paulo, que enfatizou a importância da realização do exame citopatológico após os 75 anos de idade, das 585 idosas entrevistadas, 280 (48,0%) também eram viúvas (Olhê *et al*, 2013). E quanto conhecimento e prática sobre o exame citopatológico, entra as mulheres sem companheiro, ambos foram classificados como inadequados. Contrariamente, na Bahia, entre as mulheres sem companheiro, apenas 6 (27,3%) não possuíam prática adequada (Santiago *et al*, 2014). Por meio destes achados, surge a suspeita de que, para as participantes, a ausência de atividades sexuais regulares exclui a necessidade da realização do exame, pois a finalidade do mesmo, para algumas, é descobrir doenças transmitidas pelo ato sexual, o que demonstra o conhecimento inadequado, sendo que tem por finalidade detectar alterações nas células do colo do útero (Brasil, 2013a).

No que concerne à escolaridade, a maioria das idosas tinha menos de quatro anos de estudo. E destas, a maioria apresentou conhecimento e prática inadequados. Os anos de escolaridade podem influenciar diretamente no conhecimento sobre o CCU e no exame de rastreamento, bem como na adesão a este (Silveira *et al*, 2016), ou seja, o grau de instrução elevado pode favorecer o acesso às informações, as quais possibilitam a quem as possui maior discernimento quanto aos cuidados relacionados à saúde e à procura por estes serviços.

Em Fortaleza, Ceará, em pesquisa, na qual foram entrevistadas 250 mulheres, com idades entre 14 e 71 anos, com objetivo de avaliar o conhecimento, a atitude e a prática acerca do exame colposcópico e sua relação com as variáveis demográficas regionais, foi observado que 201 (80,4%) das entrevistadas estudaram 9 anos ou menos, sendo que 40,4% teve conhecimento adequado e, contrariamente à presente investigação, 67,6% obteve prática adequada. Porém, há que se ressaltar que a maioria delas buscou a realização do exame em decorrência de alguma queixa ginecológica, não relacionada diretamente com a finalidade do mesmo (Vasconcelos *et al*, 2011).

Em relação à renda mensal, grande parte das idosas recebia R\$ 835,00 ou mais. E entre aquelas com menor renda, observou-se altos percentuais de conhecimento e prática inadequados. As condições econômicas relacionam-se intrinsecamente com as condições de saúde, ou seja, o baixo nível socioeconômico contribui significativamente para que as mulheres tenham maior dificuldade de acessar os serviços de saúde, tal característica geralmente está acompanhada do baixo nível de escolaridade, justificado pela menor compreensão acerca da importância do exame preventivo (Diogenes *et al*, 2012). No que concerne à primeira relação sexual, mais da metade afirmou ter sido após os 15 anos de idade e grande parte teve conhecimento e prática também inadequados. Equivalente ao encontrado no estudo desenvolvido no município de Anápolis, Goiás, em que 40 (79,1%) das entrevistadas relataram ter iniciado as atividades sexuais quando tinham entre 15 e 25 anos de idade (Matias *et al*, 2015). É primordial destacar que a cultura e as convenções sociais influenciam diretamente nas respostas encontradas, posto que, em sua juventude, essas mulheres provavelmente foram educadas para se resguardar até o casamento, que ocorria aproximadamente durante a idade mencionada (Hugo *et al*, 2011). Ademais, a inadequação tanto do conhecimento quanto da prática foi expressiva nas idosas que iniciaram as atividades sexuais após os 15 anos de idade. No passado, as informações sobre CCU, sua transmissão, prevenção e sintomatologia não eram discutidas como atualmente, além disso, a discussão sobre sexualidade era um tabu. Hoje, o acesso é relativamente maior, porém, as mulheres ainda carecem de conhecimento sobre a doença e suas formas de prevenção e rastreamento.

Em relação ao histórico de ocorrência de IST, apenas uma idosa afirmou ter sido infectada, mas não soube relatar qual IST ou tratamento fora realizado, apesar de afirmar tê-lo feito corretamente. Do mesmo modo, pesquisa realizada em Uberaba, Minas Gerais, com o objetivo de verificar o conhecimento e ocorrência de IST, da qual participaram 210 idosas, observou que somente 26 (12,4%) garantiram ter tido alguma infecção (Moreira *et al*, 2012). Destaca-se que a participante que relatou ter IST foi a única que apresentou conhecimento adequado sobre o exame citopatológico do colo do útero, com associação estatisticamente significativa, mas obteve prática inadequada. Pela ocorrência da sintomatologia de uma IST supõe-se que a entrevistada deve ter buscado mais informações sobre o exame citado, pois, embora este tenha a finalidade de identificar lesões precursoras do CCU, é possível por meio dele a identificação de outras lesões na genitália e de corrimento vaginal ocasionadas por algum outro tipo de

infecção. E a busca para realizá-lo pode ter sido pontual, apenas no momento da necessidade da idosa perante uma condição de saúde específica. Assim, reforça-se a importância da realização de ações que conscientizem todas as mulheres acerca do exame citopatológico do colo do útero, de modo a melhorar o conhecimento delas e a adesão a este procedimento. No que corresponde a ter vida sexual ativa durante a coleta de dados, mais da metade das participantes negou. Resultado parecido foi encontrado em estudo descritivo, que apontou que 145 (69,0%) idosas relataram não ter vida sexual ativa (Moreira *et al*, 2012). Por outro lado, achado contrário foi obtido em pesquisa realizada em um município do Vale do Paraíba, São Paulo, que tinha por objetivo caracterizar o conhecimento da população idosa sobre o HIV, no qual se observou que, de um total de 33 idosas entrevistadas, 25 (75,8%) asseguraram manter relações com seus parceiros (Araújo; Monteiro, 2011). O presente estudo apontou ainda que a maioria das idosas, sem vida sexual ativa, obteve conhecimento e prática inadequados. Isto foi esperado porque quase não existiam atividades educativas que visassem à promoção da saúde e à prevenção de doenças em décadas em que elas eram mulheres jovens ou adultas (Maeda *et al*, 2013). É primordial destacar que entre as idosas com vida sexual ativa, o conhecimento e a prática também foram inadequados. É de se esperar que com a manutenção de uma vida sexual ativa, as idosas tivessem um cuidado maior a despeito das IST, em especial à infecção pelo HPV, um dos fatores de risco para o CCU. Entretanto, a possibilidade de um idoso ser infectado por IST parece invisível aos olhos dos próprios idosos, que não têm a cultura do uso do preservativo (Dantas *et al*, 2017).

Por outro lado, a sociedade tem uma imagem negativa e redutora acerca da sexualidade da pessoa idosa, considerando-a como um ser assexuado, desprovido de desejos e de vida sexual (Dantas *et al*, 2017). Isto, por sua vez, deve ser superado e os profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, precisam elaborar estratégias de educação em saúde sexual que alcancem as mulheres idosas e favoreçam o empoderamento desta população, principalmente sobre os métodos de prevenção e de detecção precoce do CCU. As atividades de educação em saúde sobre esta temática são, pois, imprescindíveis, pois se sabe que as mulheres informadas a respeito da finalidade do exame citopatológico do colo do útero se submetem ao mesmo com mais frequência, resultando em uma procura maior e mais consciente. Ao passo que, àquelas que não foram esclarecidas sobre a doença e suas consequências buscam o serviço com menor assiduidade (Valente *et al*, 2009).

Conclusão

O estudo revelou que as idosas entrevistadas, em maioria, possuíam conhecimento e prática inadequados sobre o exame citopatológico do colo do útero. Assim, sugere-se a elaboração e implementação de atividades educativas que enfatizem a finalidade e a importância da realização do referido exame, não só para mulheres adultas jovens, mas também idosas. Além disso, recomenda-se a realização de mais estudos acerca do conhecimento e da prática das idosas em relação ao exame citado, a fim de que se possa ter uma melhor compreensão dessa população sobre a temática, o que permitirá a criação de estratégias para melhor captação desse público e adesão aos métodos de prevenção e detecção precoce. Há que se ressaltar ainda uma limitação encontrada nesta pesquisa: a pequena

amostra, ou seja, número reduzido de participantes. Tal fato ocorreu pela recusa das idosas em participar do estudo, visto que haviam perguntas relacionadas à sexualidade e as mesmas não consideraram prudente responder; algo, portanto, relacionado aos tabus existentes ainda sobre a terceira idade.

REFERÊNCIAS

- Andrade J *et al*. 2017. Vulnerability of the elderly to sexually transmitted infections. *Acta paul. enferm. (Online)*. 27(1):8-15. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700003>
- Araújo CLO, Monteiro ACS. 2011. Qual a perspectiva da pessoa idosa em relação ao HIV/AIDS? *Revista temática Kairós gerontologia*. 14(5):237-50. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/9914/7368>
- Balbi FSM. 2015. Estudo da Prevalência da Infecção pelo Papiloma Vírus Humano (HPV) em Mulheres no Climatério em um Hospital de Referência de Belém [dissertação]. Belém: Universidade Federal do Pará, Núcleo de Medicina Tropical, Programa de Pós-Graduação em Doenças Tropicais.
- Brasil. 2013a. Controle dos Cânceres do colo do útero e da mama. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, Secretária de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica.
- Brasil. 2013b. Resolução Nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, de 12 de dezembro de 2012 (BR). Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União.
- Brasil. 2016. Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, de 07 de abril de 2016 (BR). Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Diário Oficial da União.
- Brenna SMF *et al*. 2001. Conhecimento, atitude e prática do exame de papanicolaou em mulheres com câncer de colo uterino. *Cad. Saúde Pública [Internet]*. 17(4):904-14. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2001000400024>
- Dantas DV *et al*. 2017. Sexualidade e qualidade de vida na terceira idade. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*. 19(4):140-148. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/RBPS/article/viewFile/19814/13235>
- Diogenes MAR *et al*. 2012. Fatores de risco para câncer cervical e adesão ao exame papanicolaou entre trabalhadoras de enfermagem. *Rev Rene (Online)*. 13(1):200-10. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027980022>
- Feitosa LM *et al*. 2017. Colpocytology in elderly people. *Rev. enferm. UFPE on line*. 11(9):3321-9. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110229/22153>
- Hugo TODO *et al*. 2011. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. *Cad. Saúde Pública (Online)*. 27(11):2207-214. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100014>
- Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). 2019. Estimativa 2020: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA.

- Maeda TCet al. 2013. Conhecimento de mulheres idosas sobre o exame de papanicolaou. *Ciência, Cuidado e Saúde*. 11(2):360-367. <https://doi.org/10.4025/ciencucuidsaude.v11i2.13070>
- Matias LNAet al. 2015. Avaliação do conhecimento de mulheres da cidade de Anápolis/Goiás sobre o exame de papanicolaou. *Rev. Cereus*. 7(3):98-118. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/881/397>
- Moreira TMet al. 2012. Conhecimento das mulheres idosas sobre doenças sexualmente transmissíveis, conhecimento, uso e acesso aos métodos preventivos. *Rev. eletrônica enferm*. 14(4):803-10. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v14/n4/pdf/v14n4a08.pdf>
- Neri EAR et al. 2013. Prostitutes' knowledge, attitude and practice concerning the papanicolaou test. *Texto contexto - enferm. [Internet]*. 22(3):22-3. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072013000300020>
- Olhê Let al. 2013. Papanicolaou Na Terceira Idade: Um Desafio Para A Enfermagem. *Revista Fafibe On-Line*. (6):78-86. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013190008.pdf>
- Rosa ARR. 2016. Conhecimento, atitude e prática de gestantes sobre o exame citopatológico do colo do útero [trabalho de conclusão de curso]. Floriano: Curso Bacharelado em Enfermagem, Universidade Federal do Piauí.
- Santiago TRet al. 2014. Conhecimento e prática das mulheres atendidas na unidade de saúde da família sobre o Papanicolaou. *Revista Enfermagem UERJ*. 22(6):822-829. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2014.6368>
- Silveira NSPet al. 2016. Knowledge, attitude and practice of the smear test and its relation with female age. *Rev. latinoam. enferm. (Online)*. 24(2699). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.0700.2699>
- Valente CAet al. 2009. Women's knowledge about the papanicolaou exam. *RevEscEnferm USP*. 43(esp 2):1193-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000600008>
- Vasconcelos CTM. 2008. Efeitos de uma intervenção educativa na adesão das mulheres à consulta de retorno para receber o resultado do exame papanicolaou [dissertação]. Fortaleza: Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará.
- Vasconcelos CTMet al. 2011. Knowledge, attitude and practice related to the pap smear test among users of a primary health unit. *Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]*. 19(1). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000100014>
- World Health Organization (WHO). 2012. Programmes and projects. Cancer. Screening and early detection of cancer. Geneva: WHO [internet]. Disponível em: <http://www.who.int/cancer/prevention/en/>
